

QUE HORAS ELA VOLTA? - Comentários.

O filme “Que horas ela Volta”, dirigido por Anna Muylaert, costuma ser lembrado por sua importante crítica às desigualdades sociais brasileiras.

Sem dúvida, essa é uma dimensão fundamental da obra. No entanto, há uma outra leitura possível, igualmente rica: a dos vínculos humanos e dos lugares subjetivos ocupados por cada personagem.

Curiosamente na Alemanha, o filme recebeu o título “Der Sommer mit Mama- o verão com mamãe”. A mudança é significativa. Enquanto o título brasileiro enfatiza a ausência, a espera e a pergunta dirigida à mãe que está distante, o título alemão desloca o olhar para a possibilidade de reencontro. Entre a falta e o encontro, desenrola-se toda a narrativa.

Logo nas primeiras cenas, somos apresentados a uma família que convive sob o mesmo teto, mas que parece ter perdido a capacidade de se encontrar. Uma das imagens mas emblemáticas, é a da mesa de refeições. Estão todos juntos, mas cada um mergulhado em seu próprio universo. Hoje poderíamos acrescentar: cada um absorvido por sua própria tela. Compartilham o mesmo espaço físico, mas não a intimidade.

Esta é uma questão muito atual. Nunca estivemos tão conectados tecnologicamente e ao mesmo tempo, tão ameaçados pelo desencontro emocional. A proximidade física não garante a presença psíquica.

Essa imagem nos convida a pensar sobre uma questão extremamente atual: a proximidade física não garante a existência de um vínculo. É possível estar perto, e ao mesmo tempo, profundamente distante. É possível compartilhar uma casa, uma mesa e até mesmo uma vida, sem que exista um verdadeiro encontro.

Talvez seja justamente isso que vemos ao longo do filme. Personagens que ocupam lugares definidos por suas funções, mas que parecem viver em um vazio afetivo.

Val é a empregada, cuidadora, cozinheira, organizadora da casa. Sua presença é indispensável para o funcionamento daquela família. No entanto, sua própria história revela um preço elevado. Ela cuida do filho dos patrões, mas afasta-se da própria filha.

Jéssica cresce carregando as marcas desta ausência. Ela sabe que foi amada, mas também sabe que foi deixada. E o amor, por si só, nem sempre consegue apagar as marcas produzidas pela distância.

Fabinho, por outro lado, encontra em Val algo que parece faltar em sua própria família. Ela o escuta, o acolhe e acompanha seu crescimento. Em muitos momentos, é ela quem ocupa funções emocionais que esperaríamos encontrar nos pais.

Bárbara também chama a atenção. Ela ocupa o lugar de mãe, mas parece incapaz de estabelecer uma proximidade afetiva com o filho. Sua relação com ele é frequentemente marcada pela distância e pela formalidade, tal como acontece também com o seu marido. Há algo em sua aparência e em sua postura que transmite uma tristeza silenciosa, como se a distância que mantém dos outros também a afastasse de si mesma.

O pai, por sua vez, revela uma solidão silenciosa. Sua aproximação de Jéssica pode ser compreendida não apenas como uma questão de poder ou sedução, mas também como a tentativa de preencher vazios emocionais que permanecem sem elaboração. O olhar de Jéssica para ele, é um olhar de reconhecimento que o faz sentir-se existindo. Talvez não seja apenas o desejo o que ele procura nela, mas a experiência de sentir-se visto.

Todos parecem desempenhar funções, mas nenhum deles habita um lugar verdadeiro.

Talvez seja por isso que a chegada de Jéssica provoque uma turbulência tão intensa.

Frequentemente pensamos que os conflitos surgem porque alguém chega e modifica uma situação anteriormente harmoniosa. Mas o filme sugere outra possibilidade. Jéssica não cria o conflito. Ela revela aquilo que já estava presente.

Sua presença funciona como um elemento perturbador no melhor sentido psicanalítico da palavra. Ela questiona regras que ninguém mais questiona. Senta-se onde não deveria sentar. Circula onde não deveria circular. Sonha sonhos que não deveria sonhar (ingresso na universidade).

Ao fazer isso, obriga todos os personagens a confrontarem uma pergunta fundamental: qual é o meu lugar?

Qual é o lugar da Val naquela casa?

Qual é o lugar de Barbara como mãe?

Qual é o lugar de Fabinho como filho?

Qual é o lugar de Jéssica?

E talvez a pergunta mais importante: quem definiu os lugares?

O corredor dos quartos me faz pensar em uma metáfora dos vínculos presentes no filme. Os quartos estão próximos, mas as portas permanecem fechadas. Existe contiguidade, mas não encontro. Cada personagem parece confinado em sua própria solidão, parecem ocupar um não-lugar.

Apenas o quarto de Val parece escapar dessa lógica. Embora seja o menor e o mais simples da casa, é nele que encontramos acolhimento, escuta e presença. Talvez porque

um espaço se torne habitável não pelo seu tamanho, mas pela qualidade dos vínculos que pode abrigar.

Todos transitam pelo corredor, mas não há encontro, confinados cada um no sentimento de solidão.

Todos parecem viver num espaço esvaziado de afetos e de reconhecimento.

Quantas famílias vivem hoje algo semelhante? Quartos próximos, agendas compartilhadas, mensagens trocadas ao longo do dia, mas pouca experiência de encontro verdadeiro.

A grande transformação do filme começa quando alguns desses lugares passam a ser questionados.

Jéssica recusa o destino que lhe foi reservado. Ela não aceita ocupar silenciosamente o espaço que lhe atribuíram. Sua presença introduz movimento em uma estrutura que parecia imóvel.

A partir daí, algo começa a se transformar também em Val.

Durante boa parte da narrativa, ela parece identificar-se profundamente com o papel de quem cuida dos outros. Sua vida está organizada em torno das necessidades alheias.

No entanto, aos poucos, surge a possibilidade de uma pergunta diferente: e o que ela deseja?

Talvez seja nesse contexto que a cena da piscina adquire tanta força simbólica.

Durante anos, aquele espaço lhe foi interditado. A piscina não era apenas uma piscina. Era uma fronteira invisível que delimitava lugares, pertencimentos e direitos.

Quando Val entra na água, não estamos apenas assistindo a um gesto de transgressão.

Estamos assistindo a um movimento subjetivo.

Pela primeira vez, experimenta a possibilidade de ocupar um lugar que não foi definido exclusivamente pelas necessidades dos outros.

A cena funciona quase como um prenúncio da transformação que virá depois.

Há ainda uma cena aparentemente simples, mas carregada de significado: as xícaras que Val decide levar para sua casa nova. Durante anos, elas permaneceram guardadas, como algo que ela admirava, mas que não sentia pertencer-lhe. Ao levá-las consigo, Val parece apropriar-se não apenas de um objeto, mas de uma parte de si mesma, uma parte desprezada pela patroa, talvez até por inveja.

\ Quando comenta com Jéssica: “preto no branco, tudo diferente como tu”, a frase ganha um sentido especial. Jéssica é justamente aquela que não se encaixa nos lugares previamente estabelecidos. Sua diferença desorganiza hierarquias, questiona fronteiras e abre espaço pra novas formas de existir.

Talvez por isso as xícaras acompanhem Val em sua partida. Elas deixam de representar um desejo guardado para tornar-se parte de uma vida que agora lhe pertence.

O que mais me chama a atenção é que esta cena conversa lindamente com a cena da piscina. A piscina marca o momento em que Val atravessa uma fronteira. As xícaras marcam o momento em que ela leva algo consigo para construir uma nova identidade.

\ Para mim, entretanto, a cena mais emocionante do filme acontece no final.

Refiro-me ao sorriso de Jéssica.

Durante grande parte da história, ela busca pela mãe. Não apenas a mãe concreta, mas um lugar de filha. Só que para isso, ela precisa ceder um lugar dentro de si, para guardar sua mãe.

E algo muito importante acontece quando Val pede demissão.

À primeira vista, poderíamos interpretar esse gesto apenas como um ato de emancipação social.

Mas talvez ele represente algo ainda mais profundo.

Val deixa de ocupar exclusivamente o lugar de quem serve para recuperar o lugar de mãe, e posteriormente o de avó.

É somente quando Val encontra coragem para habitar o lugar de mãe que Jéssica pode finalmente ocupar o seu.

Ela pode ser filha. Pode receber. Pode deixar de lutar sozinha.

Talvez seja esta a grande transformação do filme: Jéssica não encontra uma mãe apenas porque Val retorna. Ela encontra uma mãe porque Val, finalmente, consegue ocupar este lugar.

Seu sorriso parece expressar justamente isso.

Não a resolução de todos os conflitos, mas a experiência de finalmente encontrar um lugar possível dentro de um vínculo.

Talvez essa seja a grande beleza do filme.

Mais do que denunciar desigualdades, ele nos convida a refletir sobre aquilo que torna os vínculos humanos verdadeiramente vivos.

Não basta estar perto.

Não basta dividir espaços, dividir é muito distante de compartilhar.

Não basta cumprir funções, precisa vivê-las com verdade.

Os vínculos exigem reconhecimento, presença e a possibilidade de cada um ocupar seu próprio lugar.

Entre a pergunta do título brasileiro, Que horas ela volta? e a promessa contida no título alemão, O verão com mamãe, existe uma travessia.

A travessia da ausência para o encontro.

Do não lugar para o pertencimento.

Da função para o vínculo.

E talvez seja justamente essa travessia que torna o filme tão profundamente humano e tão emocionante.

Porque no fundo, todos nós buscamos a mesma coisa: encontrar um lugar onde possamos ser reconhecidos, acolhidos e amados.

Talvez seja por isso que a pergunta Que horas ela volta? Nos toca tanto.

Ela fala da esperança de que aquilo que se perdeu possa ser reencontrado.

E de que, um dia, possamos finalmente voltar para casa.

Fernanda Passalacqua

Membro efetivo com funções didáticas da SBPRP.